



IDENTIDADE E RACISMO : VIDAS EM PRETO E BRANCO NO ROMANCE LE MARIAGE DE PLAISIR, DE TAHAR BEN JELLOUN

Marcelly dos Santos Araújo Soares

Orientador : Arnaldo Rosa Vianna Neto

Mestranda

RESUMO : A cisão entre a África Branca e a África Negra é o tema central do romance *Le mariage de plaisir*, de Tahar Ben Jelloun, objeto de nossa pesquisa junto ao Programa de Pós Graduação em Estudos de Literatura da UFF. O presente trabalho tem como finalidade discutir como esse escritor marroquino retrata o seu universo literário e o seu engajamento, concentrando-se no racismo entre africanos, especificamente entre marroquinos e senegaleses, no lugar da mulher na sociedade marroquina, e no entre-dois (SIBONY, 1991) vivido pelos personagens, que são assuntos importantes abordados no romance supracitado. Nesta obra, Ben Jelloun traz à tona questionamentos relevantes, dentre os quais se encontra a interrogação de como é possível a cor da pele determinar o destino dos homens, salvar a vida de alguns, enquanto entrega outros à morte ou à uma vida de miséria. Uma vez que se trata de um escrito no qual está presente a temática do racismo, dialogaremos com as reflexões de Frantz Fanon (1979) e de René Depestre (1980). Contaremos também com as considerações de Vera Lúcia Soares (1998) e de Ghassan Ascha (1989), acerca da identidade feminina e sua construção na sociedade marroquina; e de Daniel Sibony (1991) sobre o conceito de entre-dois.

PALAVRAS-CHAVE: racismo, identidade feminina, entre-dois.

Uma língua não pertence a um único povo. Ela não tem limites espaciais demarcados. Transita de uma localidade para outra desde que seja adquirida ou aprendida. No caso da língua francesa não é diferente, seja por gosto ou pela colonização, não ficou hegemonicamente retida no território francês.

A Literatura Francófona, relativamente mais jovem e menos estudada que a Literatura Francesa, tem despertado o desejo de conhecimento naqueles que a procuram. Rica e sedutora é uma literatura que atrai amantes da língua francesa ao conhecimento de temáticas e problematizações diferentes das que se encontram nas obras de origem francesa.

Muitos escritores magrebinos de expressão francesa vivem a difícil experiência de retratar o seu universo literário utilizando-se de uma língua que não é propriamente sua. Fala-se em Literatura Magrebina, aqui mais estritamente debruçada sobre a obra do escritor, poeta, ensaísta e intelectual engajado franco-marroquino Tahar Ben Jelloun, que reflete, dentre vários outros assuntos, sobre identidade, racismo, especificamente no Marrocos, e o lugar da mulher na sociedade e no casamento muçulmanos.

Este autor chama atenção com sua pluma delicada e firme ao mesmo tempo. De escrita envolvente, Ben Jelloun conduz seus leitores a reflexões profundas com histórias cujo cenário mostram a realidade marroquina sob sua ótica crítica e sensível. Em entrevista publicada no site da Editora Gallimard, pela qual seu mais novo romance *Le mariage de plaisir* foi publicado, ele afirma que “este romance é uma ficção total, no qual nada é inventado”. Tal afirmação choca e cativa por demonstrar as inquietações sociais e políticas do universo benjellouniano, revelando, dessa forma, seu engajamento literário.

Feitas as devidas observações, é preciso ressaltar que este trabalho está centrado na temática do racismo entre africanos, no que tange ao continente cindido entre a África branca e a África negra. Além do preconceito de cor, explora-se a temática do lugar da mulher na sociedade marroquina, temas abordados a partir do título *Le mariage de plaisir* de Tahar Ben Jelloun e de textos teóricos. Elementos constituintes da forma narrativa, o conceito de *entre-deux* (SIBONY, 1991) também será abordado.

Aprofundando-se no caráter benjellouniano das temáticas é preciso conhecer um pouco mais do enredo e da forma de conto que toma a escrita deste autor. Como pano de fundo para os temas supracitados há a história do personagem Amir.

A narrativa é feita pelo contador Goha, “[il] avait la peau très brune, un corps sec et dur, le regard perçant et d’une grande justesse” (BEN JELLOUN, 2016, p.13)¹², um sábio, que, todos os anos, na primavera, vai até uma praça da cidade contar suas histórias que também evocam situações históricas para fazer seus ouvintes refletirem. Assim, ele assume a palavra – sua única arma de persuasão e de resistência – para convencer seus ouvintes de que é inútil dizer aos homens para serem bons e por isso ele conta suas histórias como uma maneira de passar a mensagem da importância da bondade entre o *eu* e o *outro*. Dessa forma, Goha conta aos seus ouvintes, marroquinos – possivelmente cheios de preconceitos contra outros africanos, em especial contra os senegaleses, como se verá mais adiante – que “derrière cette histoire miraculeuse, il y a aussi beaucoup de haine et de mépris, de méchanceté et de cruauté” (BEN JELLOUN, 2016, p.15)³.

O romance se inicia com a origem de Amir e o contexto histórico-político que lhe serve de pano de fundo: “À Fès, à la veille de l’indépendance du pays [le 1er mars 1956], rien ne devait changer, rien ne pouvait changer. Les Français observaient cela de loin” (BEN JELLOUN, 2016, p.19)⁴. O romance está dividido em diversos capítulos com o aspecto de um conto das *Mil e uma noites*. Desta maneira, ele demonstra as nuances da vida sentimental e familiar do personagem Amir e suas escolhas face às leis e à sua religião, o Islã. Nesta religião é permitido a um homem já casado, que faz uma demorada viagem, contrair um matrimônio de prazo determinado para não ser tentado a deitar-se com prostitutas, “casamento de prazer” (mariage de plaisir) como é chamado.

Amir se rendait tous les ans au Sénégal[...]. Amir, qui aimait respecter les règles, et se serait reproché de faire là quelque chose d’interdit par la religion, avait consulté sur la question Moulay Ahmad, [...] et lui avait demandé si “le mariage de plaisir”, comme on le nommait, n’était pas un

¹ Todas as traduções são de minha autoria.

² Ele tinha a pele muito morena, um corpo magro e rígido, o olhar penetrante e de uma grande precisão.

³ Por trás desta história miraculosa, há também muito ódio e desprezo, maldade e crueldade.

⁴ Em Fez, na véspera da independência do país [1º de março de 1956], nada devia mudar, nada podia mudar. Os Franceses observavam isto de longe.

péché, un acte qui contrarierait sa foi et blesserait son épouse. (BEN JELLOUN, 2016, p. 19)⁵

É nestas condições que Amir, um próspero comerciante de Fez, Marrocos – já casado com Lalla Fatma e pai de quatro filhos, três meninos, dentre eles Karim, portador da síndrome de Down, e uma menina – casa-se temporariamente com Nabou, uma senegalesa de Dakar, aonde ele vai a cada ano para providenciar produtos para seu comércio. Mas agora, Amir descobre o amor de Nabou e lhe propõe vir para Fez com ele. Nabou aceita, torna-se sua segunda esposa e logo dá à luz a gêmeos. Um branco, outro negro. Ela deve, então, enfrentar o terrível ciúme da primeira esposa, branca, a xenofobia e o preconceito de cor todos os dias, como se lê na passagem a seguir:

Jamais, jamais de la vie je ne supporterai d'avoir été supplantée par une Nègresse, une étrangère sale et qui ne sait même pas parler. Elle a ensorcelé mon mari, elle lui a jeté un sort et moi aussi je suis sa victime. Ce sont des gens sauvages qui nous détestent parce que Dieu nous a fait blancs et propres et eux sont des déchets de l'humanité. (BEN JELLOUN, 2016, p. 129)⁶

Essa declaração dada por Lalla Fatma, primeira esposa de Amir, representa em muito o pensamento das primeiras esposas marroquinas. Essa situação de ser suplantada por uma estrangeira, que além de tudo é negra, é comum entre elas. O problema é que além de perderem, em alguns casos, o respeito do esposo, elas são completamente desrespeitosas com as segundas esposas e, quase sempre, esse sentimento vai muito além do ciúme, como vimos acima, chega ao racismo e à xenofobia brutais. Estes temas despertam o interesse, visto que dão margem ao aprofundamento do entendimento de que há diferentes formas de racismo em cada lugar, sob diversos prismas, como no caso da mulher em *Le mariage de plaisir*. A personagem Nabou sofre uma superposição de preconceitos: o de cor, o de gênero e a xenofobia, por ser uma mulher senegalesa, de pele negra, como a maioria esmagadora do Senegal, *segunda* esposa e imigrada no Marrocos.

⁵ Amir ia todos os anos ao Senegal[...]. Amir, que gostava de respeitar as regras, e se reprovava por fazer algo proibido pela religião, tinha consultado sobre a questão Moulay Ahmad, [...] e lhe tinha perguntado se “o casamento de prazer”, como o chamavam, não era um pecado, um ato que contrariaria sua fé e magoaria sua esposa.

⁶ Jamais, jamais na vida eu suportarei ter sido suplantada por uma Negrinha, uma estrangeira suja e que não sabe nem falar. Ela enfeitiçou meu marido, ela lançou sobre ele um feitiço e eu também sou sua vítima. São pessoas selvagens que nos detestam porque Deus nos fez brancos e limpos e eles são o lixo da humanidade.

O discurso de Lalla Fatma foi muitas vezes proferido pelos colonos e é reproduzido pelos marroquinos. Em *Os condenados da terra*, Fanon explica exatamente isto:

Encara-se a África Negra como uma região inerte, brutal, não civilizada... Selvagem. [...] Ouvem-se ao longo do dia reflexões odiosas sobre o véu das mulheres, a poligamia, o suposto desprezo dos árabes pelo sexo feminino. Todas essas reflexões lembram por sua agressividade as que foram tantas vezes notadas entre os colonos. (FANON, 1979, p. 134).

Ainda sobre isso, Ghassan Ascha afirma que “la femme est généralement considérée comme un être inférieur tant sur le plan physique qu’intellectuel et moral” (ASCHA, 1989, p.48)⁷. Mesmo que, segundo Vera Lucia Soares, a partir da difusão do islamismo, a mulher tenha conseguido uma mudança de estatuto e “algumas disposições favoráveis [...], como por exemplo: a proibição do assassinato de bebês do sexo feminino, a regulamentação do casamento [...], o direito da mulher a uma parte da herança [...]” (SOARES, 1998, p.165), todas essas conquistas ainda são frágeis e apenas simbolicamente cumpridas. A lei e a crença são uma, mas os costumes, os seus cumprimentos são outros. Portanto, as mulheres sofrem em demasia nesse tipo de sociedade e sofrem ainda mais as estrangeiras que são diminuídas pelos homens e vistas, segundo Ascha (1989), como objetos sexuais, cujos corpos não tem direito ao gozo e ao prazer, e são desprezadas pelas primeiras esposas, cujo ciúme impera e os preconceitos abundam.

Será, pois, através do contador, e de múltiplas vozes, que se conhecerá a família de Amir, constituindo, assim, essa grande narrativa. Algumas décadas depois que os gêmeos chegam à idade adulta, eles seguem caminhos muito diferentes. O branco está perfeitamente integrado naquela sociedade. O negro vive em condições muito ruins e não consegue dar a seu filho, Salim, cuja mãe é cubana, uma perspectiva de vida melhor do que a que teve. Salim será em breve, por sua vez, vítima da cor de sua pele.

Como anunciado, no enredo em questão, o racismo tem um lugar de destaque porque é um racismo, por assim dizer, peculiar. Com uma superioridade sustentada apenas na mentalidade das pessoas, os marroquinos, *basanés*, morenos, como são chamados, creem que

⁷ A mulher é geralmente considerada como um ser inferior tanto no plano físico quanto no intelectual e no moral.

os senegaleses, *noirs*, negros, são inferiores por causa da cor de sua pele, mesmo ambos sendo africanos, no que tange ao continente em que habitam. Sobre esse conceito errôneo de superioridade, Ben Jelloun esclarece:

— C'est quoi être supérieur ?

— C'est, par exemple, croire, du fait qu'on a la peau blanche, qu'on est plus intelligent que quelqu'un dont la peau est d'une autre couleur, noire ou jaune. Autrement dit, les traits physiques du corps humain, qui nous différencient les uns des autres, n'impliquent aucune inégalité. (BEN JELLOUN, 2009, p. 34)⁸

Diante disso, mais do que simplesmente contar o cotidiano da grande família de Amir, *Le mariage de plaisir* é, essencialmente, um grande desígnio de denúncia e de resistência, “c’était pour qu’il accomplisse un grand dessein sur cette terre” (BEN JELLOUN, 2016, 17)⁹. Os senegaleses buscam, na verdade, viver em um lugar que seja melhor economicamente, e é essa a circunstância que eles teoricamente encontram no Marrocos, que condiz com o eles almejam, embora sofram tanto ao alcançar esse objetivo, ou parte dele. Alguns sofrem ainda mais que em seu país, principalmente as mulheres, por se tornarem verdadeiros escravos, enquanto que em sua nação de origem, apesar da miséria, eram livres.

Dentro desse contexto, dois quadros terríveis da situação do negro no Marrocos são também retratados neste romance. O primeiro, vivido pelo personagem Hassan, o gêmeo negro, filho de Amir e Nabou, e a constante guerra interior em que se encontra, ele vive no entre-dois, conceito de Daniel Sibony (1991) para retratar a bipartição em que um ser pode se encontrar quando exposto a duas situações contrárias que o dilaceram. Ao mesmo tempo em que ele deseja resistir, lutar e revoltar-se, ele é tomado pela passividade originada no ambiente hostil e opressivo ao seu redor. O cenário se torna tão insuportável que o fim deste personagem é tão estarrecedor quanto a situação em que se vê: louco, fedido, com roupas sujas, um olhar vazio. “Son crime, Hassan le portait non sur le visage, mais sur tout le corps.

⁸ — O que é ser superior ?

— É, por exemplo, acreditar, por ter a pele branca, que se é mais inteligente do que alguém cuja pele é de uma outra cor, negra ou amarela. Em outras palavras, os traços físicos do corpo humano, que nos diferenciam uns dos outros, não implicam nenhuma desigualdade.

⁹ Era para que ele cumprisse um grande desígnio nesta terra.

Il était noir, et il était puni pour l'inconvénient d'être né ainsi." (BEN JELLOUN, 2016, p. 260-261)¹⁰. Daniel Sibony explica exatamente o que ocorre com Hassan:

L'origine est à prendre comme fonction d'être radicale où l'un prédomine juste avant de bifurquer d'ouvrir des entre-deux [...] la notion d'objet semble s'évanouir, non au profit du signifiant, mais du champ de forces et de relations en perpétuel mouvement, avec des plis, des replis, des déploiements, des rythmes et des battements de la mémoire. Les deux éléments bifurqués ne sont pas les mêmes, mais leur différence est indémontrable. Et ce, dans la trame du vivant, au niveau de la matière : deux mêmes particules, issues d'une même collision, se comportent comme si, bien que très loin l'une de l'autre, elles demeuraient en relation, relation médiatisée par ce qu'elles ont en commun, le choc originel d'où elles procèdent. L'entre deux procède de l'être bifurqué, déchirement ou trauma, secousse d'origine...qui manifeste l'origine. (SIBONY, 1991, p. 347)¹¹

O segundo, vivido pelo personagem Salim, filho de Hassan, neto dos personagens Amir e Nabou, é a falta de conciliação com sua própria identidade. Mas como estar em consonância com uma só identificação, quando se é fruto de uma grande árvore genealógica hibridizada? Neto de marroquino com senegalesa e filho de Hassan, negro de pele, com nacionalidade marroquina, e de mãe de origem cubana. Salim vive o desencontro com o seu *eu* e parte em busca de sua origem tentando fazer o percurso inverso de seus antepassados. Ao contrário de seu pai, revoltado com o cenário ao seu redor, ele não deixou a passividade e a loucura o tomarem. Ele segue o caminho oposto: "Salim enfin était un bagarreur. À la moindre insinuation raciste, il se battait. C'était un *rebelle*, ce que son père admirait secrètement." (BEN JELLOUN, 2016, p. 179, grifo nosso)¹². Sobre a revolta de Salim, percebe-se nas palavras de René Depestre, expostas a seguir, que seus motivos para revoltar-se são cabíveis

¹⁰ Seu crime, Hassan o portava não sobre seu rosto, mas sobre todo o seu corpo. Ele era negro, e ele era punido pelo inconveniente de ter nascido assim.

¹¹ A origem deve ser tomada como uma função de ser radical onde predomina justo antes de bifurcar, de abrir entre-dois [...] a noção de objeto parece enfraquecer, não em benefício do significante, mas do campo de forças e relações em movimento perpétuo, com dobras, declínios, desdobramentos, ritmos e batidas da memória. Os dois elementos bifurcados não são os mesmos, mas sua diferença é impossível de demonstrar. E isso, na trama do vivo, no nível da matéria: duas mesmas partículas, provenientes da mesma colisão, se comportam como se, embora muito distantes, permanecessem em relação, relação mediada pelo que elas têm em comum, o choque original de onde elas procedem. O entre-dois procede do ser bifurcado, rasgo ou trauma, choque de origem ... que manifesta a origem.

¹² Salim era um briguento. À mínima insinuação racista, ele brigava. Era um rebelde, o que seu pai admirava secretamente.

e que esta revolta tem uma origem mais antiga do que se pensa, está fundamentada sobre mentiras que alguns muros não podem remover:

À partir de ces archétypes platoniciens [blanc chrétien / noir païen] du mode de relations fétichisées de l'esclavage, on aura toutes les variantes burlesques du négriisme [...]. À un pôle, la rhétorique négrophage parlant des nègres dira que « la noirceur de leur teint reflète celle de leur âme ». Au pôle opposé, les lettres négrophiles diront que « leurs corps sont noirs, mais ils ont l'âme immaculée des Blancs ! ». Autour de ces deux modèles également coloniaux se sont formés des proverbes comme: « à blanchir un nègre on perd du savon », ou des recettes antillaises, brésiliennes, américaines, pour « limpiar o sangue », « adelantar la raza », améliorer de « mauvais cheveux », et autres manifestations [...]. (DEPESTRE, 1980, p. 31)¹³

Mas sua revolta foi contida da pior forma possível. No início de sua caminhada, ele é apreendido em Tânger e deportado junto com cinco senegaleses. Ele tentou explicar que era filho de marroquino, um próspero comerciante, e de mãe senegalesa, mas os policiais marroquinos ignoraram isso, por um único motivo: “Tout dans coup il eut honte. Son africanité [sa couleur] était là, visible, évidente, et il ne pouvait ni la nier ni la condamner. Son sort était scellé.[...] *Il se tut* [...]” (BEN JELLOUN, 2016, p.196, grifo nosso)¹⁴. E sobre a vergonha sentida por Salim por causa de sua cor, Fanon nos esclarece com outras palavras:

La honte. La honte et le mépris de moi-même. La nausée. Quand on m'aime, on me dit que c'est malgré ma couleur. Quand on me déteste, on ajoute que ce n'est pas à cause de ma couleur... Ici ou là, je suis prisonnier du cercle infernal. (FANON, 1952, p. 94)¹⁵

¹³ A partir desses arquétipos platônicos [cristãos brancos / pagãos negros] das relações fetichizadas da escravidão, teremos todas as variantes burlescas do negriismo [...]. Em um pólo, a retórica “negrófaga” que fala dos negros dirá que “a escuridão de sua tez reflete a de sua alma”. No pólo oposto, as cartas “negrófilas” dirão que “seus corpos são negros, mas eles têm a alma imaculada dos brancos!”. Em torno destes dois modelos igualmente coloniais foram formados provérbios como: “branquear um negro, perder sabão”, ou receitas antilhanas, brasileiras, americanas, para “limpar o sangue”, “fazer progredir a raça”, melhorar “o cabelo ruim” e outras manifestações [...].

¹⁴ De repente ele teve vergonha. Sua africanidade [sua cor] estava ali, visível, evidente, e ele não podia nem negá-la e nem condená-la. Seu destino estava selado. [...] Ele se calou [...].

¹⁵ A vergonha. A vergonha e o desprezo por mim mesmo. A náusea. Quando me amam, dizem que é apesar da minha cor. Quando me detestam, acrescentam que não é por causa da minha cor... De um jeito ou de outro, eu sou prisioneiro deste círculo infernal.

Após um longo momento de silêncio, Salim se reergue e decide assumir sua identidade latente e evidente:

Noire, absolument noire, ma peau était noire jusque sous mes pieds, comme si je les avait peints avec de l'encre de Chine. Mes paumes de main aussi, plus la moindre ambiguïté maintenant. J'étais totalement noir.[...] Ma peau noire était mon identité, double, triple, métisse, trouble, blême, brûlante et même infernale. Elle révélait le Nègre en moi, rappelait mes ancêtres déportés de l'île de Gorée vers les Amériques. Ma peau privée de trous pour respirer et mon âme peinte en noir indélébile faisaient de moi un homme libre et prêt à défendre cette liberté par tous les moyens, la défendre et suivre la voie qu'elle m'indiquerait. (BEN JELLOUN, 2016, p. 238)¹⁶

Por fim, é a partir do desenrolar desta trama, que se busca responder e continuar refletindo sobre questionamentos importantes dentre os quais se encontra a interrogação de como é possível a cor da pele determinar o destino dos homens, como ela pode salvar alguns, enquanto entrega outros à morte ou à uma vida de miséria. Para chegar a uma mínima resposta é necessário ter em mente que o trabalho contra o racismo, na sociedade marroquina ou em qualquer outra, começa na linguagem. As palavras são carregadas de sentidos e, muitas vezes, eles são deturpados, mascarados com a finalidade de agredir, de humilhar e, conseqüentemente, de ferir alguém, alimentando as intenções hierárquicas e discriminatórias de quem as utilizam com estes intuitos. Concluindo com as palavras de Tahar Ben Jelloun: “il ne suffit plus de s'indigner face à un discours ou un comportement raciste. Il faut aussi agir, ne pas laisser passer une dérive à caractère raciste.” (BEN JELLOUN, 2009, p. 91-92)¹⁷.

REFERÊNCIAS:

ASCHA, Ghassan. L'inégalité entre l'homme et la femme en Islam. In: _____. Du statut inférieur de la femme en Islam. Paris: L'Harmattan, 1989.

¹⁶ Negra, absolutamente negra, minha pele era negra até sob meus pés, como se eu os tivesse pintado com tinta da China. Minhas palmas das mãos também, não havia a mínima ambigüidade agora. Eu era totalmente negro.[...] Minha pele negra era minha identidade, dupla, tripla, mestiça, opaca, pálida, ardente e mesmo infernal. Ela revelava o Negro em mim, lembrava meus ancestrais deportados da ilha de Goreia em direção às Américas. Minha pele privada de cavidades para respirar e minha alma pintada em negro indelével fazia de mim um homem livre e pronto à defender esta liberdade por todos os meios, defendê-la e seguir a via que ela me indicaria.

¹⁷ Não basta se indignar face a um discurso ou um comportamento racista. É preciso agir também, não deixar passar um desvio de caráter racista.



BEN JELLOUN, Tahar. Le racisme expliqué à ma fille. Paris: Seuil, 2009.

_____. Le mariage de plaisir. Paris: Gallimard, 2016.

DEPESTRE, René. Bonjour et adieu à la Négritude. Paris: Robert Laffont, 1980.

FANON, Frantz. Peau noire, masques blancs. Paris: Seuil, 1952.

_____. Os Condenados da Terra. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1979.

SIBONY, Daniel. Entre-deux: L'origine en partage. Paris: Seuil, 1991.

SOARES, Vera Lucia. A escritura dos silêncios. Niterói: EdUFF, 1998.

<http://www.gallimard.fr/Media/Gallimard/Entretien-ecrit/Entretien-Tahar-Ben-Jelloun.-Le-mariage-de-plaisir> acesso em 03 de outubro de 2017.